



## A REPRESENTAÇÃO DO CANGAÇO NA LITERATURA DE CORDEL

Eleuza Dias de Souza <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo aborda a influência do cangaço na literatura de cordel no nordeste brasileiro em meados do século XX. O objetivo foi analisar a representação da cultura do cangaço na literatura cordelista, tendo em vista a importância da figura de Virgulino Ferreira da Silva, popular Lampião. A tropa de Lampião representou o bando mais relevante no nordeste brasileiro, e o cordel buscou realizar um diálogo entre tais culturas de modo a expressar os acontecimentos de forma imaginária com riqueza expressiva. Metodologicamente utilizou-se a pesquisa de revisão bibliográfica, a qual buscou investigações teóricas sobre o tema abordado com autores como Pericás, Queiroz, entre outros. As análises dos estudos apresentados revelaram que, a cultura do cangaço contribuiu para a produção da literatura de cordel no sertão nordestino com o intuito de passar informações relevantes sobre essa manifestação. Pode-se concluir que os fatores socioculturais do Nordeste foram de grande representatividade na literatura cordelista.

**Palavras-chave:** Cangaço, Literatura de Cordel, Representatividade.

### INTRODUÇÃO

Na primeira metade do século XX, o Brasil passou por vários movimentos de revolta, dentre eles podemos versar o cangaço no Nordeste, tendo em vista, uma das maiores e violentas manifestações de banditismo no sertão nordestino. Assim, a vida de crimes ocasionados pelos cangaceiros no Nordeste passou a ser conhecida em todo o Brasil e até fora deste.

O cangaço foi um movimento típico do nordeste brasileiro do final do século XIX e meados do século XX em forma de manifestação contra as injustiças voltadas para o Nordeste. Foi um fenômeno que apresentou o antagonismo social, pois para boa parte da população desfavorecida da época, os envolvidos no bando eram exaltados como justiceiros, no entanto, para os grandes fazendeiros e o Estado eram taxados de bandidos e assassinos cruéis.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Salvador - UNIFACS; Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Estado da Bahia- UNEB, Campus XII; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá – FIJ; eleuza.souza@enova.educacao.ba.gov.br.



Ressalta-se que, o bando de maior expressividade foi o comandado por Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, o qual se destacou pela sua ousadia, coragem, heroísmo e valorização de honra dentro do seu grupo. O cangaço teria surgido devido à falta de assistência do governo em relação às camadas carentes, deste modo, os cangaceiros que faziam parte do bando se transformaram em grupos que aterrorizavam pessoas, assaltavam e roubavam.

Neste cenário, a violência ganha repercussão no cenário mundial e passa a ser representada com notoriedade em forma de poesia, denominada como literatura de cordel. Tal literatura caracterizou-se como gênero literário importante para difusão da cultura de um povo, e neste contexto, teve um papel preponderante na propagação da vida e ações dos cangaceiros nordestinos.

A motivação para abordar esse tema se deu quando foi publicado no WhatsApp um vídeo do canal “O Cangaço na Literatura” que falava sobre o paradeiro do ex-cangaceiro de Lampião, o Bem-te-vi, o qual tinha sido morador da cidade de Iuiú e tinha sido sepultado no município de Carinhanha que é cidade vizinha, assim surgiu a inquietação de compreender sobre os fatos ocorridos. Nesse contexto, a proposta do artigo é reverberar sobre o papel do cangaço no nordeste brasileiro considerando o diálogo com a literatura de cordel em seus aspectos socioculturais.

## **METODOLOGIA**

Metodologicamente o presente estudo foi realizado por meio da pesquisa de revisão bibliográfica com o intuito de conhecer os diversos contributos relativos ao tema pesquisado. Assim, foi realizada uma busca em materiais já publicados, analisando em âmbitos científicos com embasamentos teóricos pertinentes ao conteúdo estudado, conforme já mencionado no corpo do texto.

Segundo Gil (2010, p. 44) a pesquisa bibliográfica é concebida de material já publicado, construído principalmente de livros e artigos científicos, com o intuito de observar as proposições abordadas sobre determinado tema.

Nesse sentido, realizou a interpretação dos fatos de forma pormenorizada para obter mais informações coerentes sobre a representatividade do cangaço na literatura cordelista.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**



Com o advento da proclamação da República do Brasil em 1889, vários movimentos surgiram devido aos problemas sociais, como fome e miséria que assolaram o país, principalmente no Nordeste que ainda tinha o problema da seca. Nesta seara, surgiram os cangaceiros no Nordeste, como reação aos problemas sociais, tiveram seu auge no início do século XX, destacando o bando de Lampião, considerado o de maior repercussão neste período. Ressaltando que houve outros precursores do cangaço no século XVIII e XIX como o grupo de José Gomes (Cabeleira), Jesuíno Alves de Melo (Jesuíno Brilhante), Manoel Baptista de Moraes (Antônio Silvino) e Sebastião Pereira (Sinhô Pereira).

De acordo o dicionário Michaelis (2020), a palavra cangaceiro significa malfeitor pertencente a bandos nômades, fortemente armados, que andavam pelos sertões do nordeste brasileiro nas três primeiras décadas do século XX. Entende-se que, o termo cangaço tem sua origem a partir da palavra “canga” que é o nome de uma peça de madeira utilizada em cabeça de animais para fazer o transporte conformidade a necessidade. Desta forma, a palavra cangaceiro faz referência à canga, pois os sertanejos carregavam muitos utensílios e armas em seu próprio corpo para suprir suas necessidades básicas.

Existem teorias diversas sobre o nome cangaço, no entendimento da autora Maria Isaura Pereira de Queiroz, a palavra cangaço remete a canga ou cangalha que seria os apetrechos que os bandidos usavam em suas viagens como armas e utensílios (QUEIROZ, 1986, p.15). Em contrapartida Pericás (2010) atribui o vocábulo cangaço aos bandos de homens nordestinos armados na década de 1830 a 1840.

Percebe-se que existem vários argumentos para o mesmo vocábulo, por isso não se sabe ao certo a procedência do nome. Aurélio Buarque de Holanda também deixa seu registro do significado do vocábulo cangaço, o qual denomina como o engajo de uvas depois de pisadas e de extraído vinho, ou armas de cangaceiros ou ainda objetos de uso de uma casa pobre, ainda um pedúnculo e à espada do coqueiro, assim que cai do pé.

Neste sentido, algumas palavras da Língua Portuguesa, como o termo “cangaço” pode passar por significados polissêmicos e apresentar enigmas e complexidade em seus conceitos. Reitera-se que, uma das primeiras definições da palavra cangaço, aproxima-se mais do que se entende hoje segundo Henrique de Beaurepaire Rohan em seu Dicionário de Vocábulos brasileiros, publicado em 1889 pela Imprensa Nacional no Rio de Janeiro, define, portanto “como um conjunto de armas que costumam conduzir os valentões” (PERICÁS, 2010, p.14).

A explicação que mais se aproxima na atualidade do termo cangaço é segundo Machado (1978) sendo a aproximação da palavra canga de boi, peça de madeira colocada no pescoço do



boi e que no período da escravidão era colocado no pescoço do escravo. Nesse sentido, como o sertanejo colocava as armas e pertences no corpo para se deslocar de um lugar para o outro, então recebeu o nome de cangaceiro.

Uma figura revolucionária no cangaço do sertão Nordestino foi Virgulino Ferreira da Silva, vulgo, Lampião (1897-1938), nascido em Serra Talhada, Pernambuco e descendente de uma família muito pobre, tendo em vista que entrou no cangaço aos 19 anos devido ao assassinato do seu pai em conflito pela disputa de terra com fazendeiros conforme algumas informações, porém não se sabe ao certo se realmente foi esse o motivo.

No dia 28 de julho de 1938, Lampião foi surpreendido pelos volantes com parte do seu bando e a companheira Maria Bonita na fazenda de Angicos, Sergipe. Assim, foram assassinadas onze pessoas pela milícia de Alagoas, incluindo Virgulino e a esposa. As cabeças dos cangaceiros citados foram expostas no município de Piranhas como demonstração de força pelo Estado e com o intuito de inibir os que se rebelassem contra o coronelismo. Com a morte de Lampião, seu companheiro Cristino, o Corisco assumiu o comando e foi assassinado em 1940 chegando ao final do cangaço.

Maria Gomes de Oliveira (Maria Bonita), baiana do povoado de Malhada de Caiçara, município de Glória, atual Paulo Afonso (BA), separou-se do marido sapateiro e se juntou a Lampião, assim foi a primeira mulher a ingressar no Cangaço. Logo após, a entrada de Maria Bonita ao bando outras mulheres passaram a participar do grupo. O papel das mulheres era de companheira dos seus maridos e a tarefa de cozinhar e lavar era dos homens.

## LITERATURA DE CORDEL NO CANGAÇO

A literatura de cordel é uma das maiores manifestações populares nordestinas que se tem conhecimento, cuja principal função é passar informações acerca da cultura por meio de poemas estruturados em folhetos que são pequenos livros que ficam pendurados em barbantes ou cordas.

Segundo Luyten (2007), a literatura de cordel tem origem na Europa e tornou-se uma das mais relevantes manifestações para disseminação da cultura de um povo.

O cordel se apresenta com narrações dos acontecimentos da oralidade das poesias cantadas tendo em vista que abordam vários temas contando problemas sociais como política, amor, violência, religião dentre outros e assim podendo ser utilizado na sala de aula como incentivo à prática da leitura por apresentar uma linguagem acessível e de fácil entendimento.



É importante observar que, o cordel narra fatos e acontecimentos utilizando o imaginário também, não necessariamente precisa contar as histórias em sua real situação, porém vai além com a utilização dos recursos literários.

A literatura de cordel ganha destaque na região nordestina e se torna um elemento de poder de comunicação de fatores culturais na sociedade, pois apresenta uma linguagem popular e simples para expressar os diversos temas de forma crítica e literária. Desse modo, alguns autores utilizam esse recurso para difundir o fenômeno do cangaço no Nordeste.

O cordelista Franklin Machado nasceu em 15 de março de 1943 em Faria de Santana (BA). Formou em Direito e Jornalismo, porém dedicou sua vida à literatura popular a qual tinha paixão. Seu nome artístico era Maxado Nordestino e Franklin Maxado que foi considerado um dos mais relevantes cordelistas da contemporaneidade. Assim, dedicou-se as artes como compositor, ator, xilógrafo, cordelista, folclorista e um pesquisador dessas temáticas.

O cangaço trouxe para o sertanejo uma motivação no que concerne a sua participação, pois o mesmo vivia imbuído pela injustiça social, pobreza e pela falta de perspectiva de uma vida melhor em outra atividade, buscando assim a esperança de melhoria naquela realidade. Diante disso, Grillo menciona a representação do cangaço nos folhetos de cordel:

Desde que surgiu no Nordeste do Brasil, no final do século XIX, independente do sistema literário institucionalizado, a literatura de cordel vem testemunhando fatos e acontecimentos que revelam a preocupação dos poetas, leitores e ouvintes com o mundo ao seu redor. Essa literatura impressa em papel barato, pardo, medindo cerca de 12 cm x 18 cm, com oito, 16 ou 32 páginas e contendo ilustrações em xilogravuras, ocupa um espaço de criação que deve ser percebido em vários níveis: o simbólico, o artístico, o linguístico, o social, o político, o econômico e, especialmente, o histórico (GRILLO, 2008, p. 123-124).

Dessa forma, as elucidaciones reforçam a existência da literatura de cordel como meio de comunicação e que tem um papel relevante na disseminação dos acontecimentos do meio social e suas inquietações, anseios, imaginação e cultura. De maneira simples passa informações, hábitos e ações de uma geração para outras gerações.

Percebe-se que, a literatura de cordel é um instrumento formador, que inserido na educação possibilita o aprendizado de vários aspectos e de forma dinâmica. Para isso, o cordel apresenta saberes científicos, ademais, serve de ponte para o conhecimento e valorização da identidade cultural de um grupo da sociedade.

Diante da análise, percebe-se que a literatura de cordel tem papel preponderante de traduzir com riqueza e grande expressividade a história do cangaço de Lampião e outros que fizeram parte do movimento. Mesmo que exalte muitas vezes os protagonistas e não sendo fiel





à realidade, o cordel chama a atenção do leitor por se apresentar de forma simples e uma linguagem informal.

Nesse sentido, a representação do cangaço na literatura cordelista surge como uma narrativa que reforça a ficção e expressa sentimentos, informações e cultura de um povo. Sendo assim, a representatividade do cangaço no cordel mostra a percepção da situação real de violência e banditismo no nordeste brasileiro, além de evocar o humor na apresentação. Percebe-se que a história do cangaço, principalmente a de Lampião, vem contribuir na literatura de cordel como resgate da cultura popular.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a finalidade de sistematizar o objetivo do estudo com os autores referenciados, esta seção buscou tecer breves análises contundentes sobre a representação da cultura do cangaço na literatura cordelista, tendo em vista a importância da figura de Virgulino Ferreira da Silva, popular Lampião.

O primeiro representante da literatura de cordel no Brasil foi Leandro Gomes de Barros que escreveu folhetos sobre a vida do cangaceiro Jesuíno Brilhante e Antônio Silvino. O cordelista nasceu em 19/11/1865 no município de Pombal, Paraíba. Foi considerado o rei dos poetas no seu tempo.

É bem provável que Leandro tenha sido o primeiro poeta a produzir cordel cujo o tema foi o cangaço. Assim, observa-se alguns versos que remetem ao conflito nordestino.

*Antônio Silvino disse  
Eu não aliso ninguém  
Se Rego Barros perder  
A coisa que não vai bem  
Em pilão que eu pisar milho  
Pinto não come xerém  
Do Pombal até Campina  
Não houve um só eleitor,  
Que eu não fosse a casa dele  
Pedir-lhe com muito amor  
Que votasse em Rego Barros*



*Para ser governador  
(BARROS, s.d, p.03).*

No verso supracitado, percebe-se que há um discurso tendencioso que leva o povo a votar no candidato simpatizante do cangaceiro. Assim, o povo é induzido a acompanhá-lo nos seus propósitos.

Observa-se também que, como o cordelista Leandro Gomes de Barros, em As proezas de Antônio Silvino, aborda a vida do mesmo e os pensamentos em relação à experiência que leva as aventuras e sofrimento da época em seus versos:

*[...]Eu como já estou perdido  
Minha vida não tem jeito  
Vou mesmo com a desgraça  
Que d'ella tiro do peito  
Com Ella já não espanto  
Da desgraça almoço e janto  
Com Ella como e me deito.  
Na Parahyba do Norte  
Eu sou vigário collado  
No Rio Grande do Norte  
Eu sirvo de advogado  
Em Pernambuco sou tudo  
Lá já fiz fallar um mudo  
Fiz correr um aleijado.  
Eu hoje podia ser  
Um distinto cavalheiro  
Mas a justiça faltou-me  
Devido a não ter dinheiro,  
Meu pai foi assassinado  
Eu para me ver vingado  
Fiquei sendo cangaceiro.  
Eu achei um desaforo  
Uma falta de ação  
Um cabra matar meu pae*



*E não dá satisfação  
Matei e o fiz em postas  
Abri ele pellas costas  
Arranquei-lhe o coração  
(BARROS, pp. 1-2).*

Nota-se que o eu lírico expressa fatos correlacionados com o que é contado por meio da oralidade sobre a história do cangaço e do cangaceiro. O eu lírico remete a expressividade de recursos literários e uma linguagem simples com algumas palavras arcaicas e de fácil compreensão, pois na maioria das vezes os folhetos eram escritos por pessoas com pouca escolaridade, por este motivo a narrativa é apresentada com rimas e descrições de forma simples sobre os fatos ocorridos.

Nessa perspectiva, a história de Lampião é contada com elementos constituintes da realidade e ficção, assim, o “rei do cangaço” é exaltado como figura heroína na literatura de cordel. Observa-se o cordel de Franklin Machado (2002) sobre a vida de Lampião e a companheira Maria Bonita, o qual remete à história do cangaceiro e a sua amada com efeito imaginário, uma vez que torna pertinente ao fato registrado como real.

*Lampião e sua Maria  
Foram mortos em Angicos  
Numa grotta como furna  
À beira do São Francisco  
Quando o casal já estava  
Famoso e até rico.  
(MAXADO, 2002).*

Percebe-se que o cordel versa sobre a morte de Lampião e Maria Bonita em Angico, assim, mostra o real por meio do imaginário que constitui a obra popular. Vale salientar que a literatura de cordel surgiu primeiramente da oralidade, sendo transformada para o impresso bem mais tarde e isso torna mais poderoso o sistema de comunicação.

O fragmento do poema abaixo é de Fanka, um cordelista da era contemporânea que expressa o valor das mulheres cangaceiras que viviam no universo masculino diante da violência no contexto:

*[...] Da história do cangaço  
Muito tem para saber:*





*Enfeite e bala de aço,  
Conhaque para beber.  
A mulher participando  
Sugerindo nesse bando  
Outro jeito de viver.  
[...]  
Violência era o lema  
Desse bando do sertão,  
Porém, para este tema,  
Houve uma amenização  
Com a força feminina  
Ingressando, de menina  
Mudando essa visão  
(FANKA, pp. 1, 2-3).*

Percebe-se que a presença feminina mudou algumas ações dos cangaceiros, amenizou mais a forma de pensamento dos homens que antes não as aceitavam no grupo. Os versos expressam que a participação da mulher no bando sugeriu outra forma de viver mudando a visão e certamente os homens pensavam mais na sua sobrevivência e das suas companheiras.

O poema de cordel abaixo de um autor desconhecido, mas enunciado por Lustosa (2011, p. 96), pode-se observar a importância que se dá ao cangaço e aos cangaceiros principalmente pelos mais humildes e carentes de atenção pelo setor social.

*Minha mãe me dê dinheiro  
Prá comprar um cinturão  
Que a vida melhor do mundo  
É andar mais Lampião  
Querendo tanger comboio,  
Até sou bom comboieiro,  
Querendo fazer sapato,  
Até sou bom sapateiro,  
Querendo andar no cangaço,  
Até sou bom cangaceiro,*



*Que isso de matar gente  
É serviço mais maneiro.  
Melhor vida do que essa  
Nunca quis, num quero não.  
Boia boa e um pau de fogo  
Na tropa de Lampião.  
Nesta vida do cangaço  
Tem tudo que a gente quer  
Bom queijo e boa cachaça  
Dança, música e mulher.  
Se o cabra não tem coragem  
Que mude de profissão  
Vá pro cabo da enxada  
Plantar fava e feijão.*

No verso acima, percebe-se a valorização que os versos proferem ao cangaço no cordel, assim, a vida atribuída a esse cenário possui ascensão social tendo em vista o progresso mesmo matando gente, mas por estar ao lado de Lampião terá segurança e terá diversão levando uma vida que considera boa.

Diante disso, nota-se que o cangaço contribuiu de forma significativa para as produções artísticas na literatura, assim, houve uma mistura de realidade com ficção e imaginação para compartilhar os feitos do Rei do Cangaço, suas estratégias, comandos, violências, hábitos, criações, cultura e suas vivências nas mais diversas representações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O cangaço nordestino teve seu auge no final do século XIX e início do século XX, o qual manifestou de forma violenta contra as injustiças sociais. Além disso, mostrou aspectos positivos para a classe carente e negativos na forma de bandidos para o Estado e coronéis. Nesse sentido, ganhou protagonismo e força para perdurar por tanto tempo na região nordeste aterrorizando as cidades e praticando ações violentas.

Por meio da pesquisa foi possível conhecer o cangaço e a sua representação na literatura de cordel a qual é uma manifestação cultural muito difundida na região nordeste. Dessa forma,



Lampião e o cangaço tornaram muito conhecidos e se tornaram personagens das narrativas populares e mitológicas da sociedade nordestina.

Nesta perspectiva, o cangaço foi considerado uma forma de banditismo no Nordeste que teve como um dos maiores representantes o senhor Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, que buscava uma forma de viver, frente aos problemas da seca, miséria e o descaso do governo em relação à região. Assim, justifica-se algumas das motivações para a criação do bando o qual lutou com muita violência.

Assim, a cultura do cangaço foi um fenômeno do século XIX e início do século XX, mas que está presente até os dias atuais nas manifestações populares. Como nas poesias, filmes, literatura de cordel e até mesmo na oralidade e na memória de algumas pessoas que vão passando de uma geração para outra e isso se torna relevante para a cultura popular.

A partir da pesquisa realizada, apreendeu-se que o cangaço inspirou a produção da arte, tendo em vista a contribuição para a disseminação da cultura popular. Deste modo, pode-se concluir que é importante ressaltar e valorizar os fatos históricos do cangaço tendo em vista suas representações na literatura de cordel a qual buscou mostrar a história com riqueza de recursos às sagas e cultura de um povo.

## REFERÊNCIAS

BARROS, L. G. A confissão de Antônio Silvino. São Paulo: **Luzero**, 1992a.

\_\_\_\_\_. Antônio Silvino, o rei dos cangaceiros. editora, s.e, data, s.d.

\_\_\_\_\_. As proezas de Antônio Silvino. Recife, PE: **Becco do Souza**, [19-?].

\_\_\_\_\_. Como Antônio Silvino fez o diabo chorar. São Paulo: **Luzero**, 1992b.

\_\_\_\_\_. História da donzela Teodora. São Paulo, **Luzero**, 2011.

\_\_\_\_\_. Todas as lutas de Antônio Silvino. Recife, PE: [s.n], 1912.

CHANDLER, B. J. Lampião, o Rei dos Cangaceiros. Tradução de Sarita Linhares Barsted. 4ª ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1980.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 5ª Ed. Curitiba: **Editora Positivo**, 2010.

FANKA. A mulher e o cangaço. Fortaleza: **Secult**. Governo do Estado do Ceará. [s.n.], 1997.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 5ª ed. São Paulo: **Atlas**, 2010.



GRILLO, M. A. F. A Arte do Povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900- 1940). Niterói, RJ: Tese de Doutorado - **UFF**, 2005.

\_\_\_\_\_. Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos. **Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, v. 14, n. 17, p. 123-155, 2008.

LUSTOSA, I. De olho em Lampião: violência e esperteza. São Paulo: **Claro Enigma**, 2011.

LUYTEN, J. M. O que é literatura de cordel. São Paulo: **Brasiliense**, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

MAXADO, F. O cordel do cordel. São Paulo, 1982.

\_\_\_\_\_. A alma de Lampião faz misérias no Nordeste, [S.n.e.].

\_\_\_\_\_. Lampião morreu em Sergipe, pensando deixar o cangaço. Serra Talhada (PE), Poço Redondo (SE) e Mossoró (RN), julho de 2002.

\_\_\_\_\_. Literatura de cordel. São Paulo: **Hedra**, 2007.

\_\_\_\_\_. O que é literatura de cordel? Rio de Janeiro: **Codecri**, 1980.

MELLO, F. P. de. Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: **A Girafa**. 2011.

MICHAELIS, Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: **Melhoramentos**. Acesso em: 31 ago. 2020.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: **Boitempo**, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. História do Cangaço. 5. ed. São Paulo: **Global**, 1985.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro: a evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: **Companhia das letras**. 1995.